TL 1329-51

Comunicação a apresentar nas

V Jornadas de Timor da Universidade do Porto

A Mulher e a Criança Timorense

Maria Natália G.V.Carrascalão Antunes
Natural de Timor
Residente em Macau

MACAU/1993

A Mulher e a Criança Timorense

Permitam-me saudar calorosamente os organizadores das V Jornadas de Timor da Universidade do Porto.

Saúdo muito especialmente o senhor Professor Catedrático Barbedo de Magalhães que, em seu nome e no do Reitor da Universidade do Porto, teve a amabilidade de me convidar a participar nestas jornadas, na qualidade de coordenadora da Conferência dos Direitos da Mulher e da Criança Timorenses, a realizar em Macau em Outubro próximo. Considero esta minha presença como uma oportunidade única para a continuação da nossa luta de emancipação e reconhecimento.

Aproveito este momento para prestar homenagem à Mulher timorense e muito em especial à minha mãe, que foi a causa da minha dedicação a uma pesquisa afincada, procurando um conhecimento profundo desta mulher e criança que eu tanto admiro, e que estou decidida a tornar cada vez mais conhecidas ao longo dos anos: "A Mulher e a Criança Timorense". É necessário estudar, publicitar e proteger os seus direitos a fim de proporcionar condições para que tanto as mulheres como as crianças de Timor possam viver em paz, democracia e com qualidade.

Não pretendo cansar-vos com leituras extensas, mas permitam-me que vos alerte para alguns pontos outrora falados por outros, que considero importantes para que nas vossas mentes fiquem gravadas as condições de existência de uma Mulher e de uma Criança que lutam para ter um lugar ao sol como todos nós, e, que vê os seus direitos a esvaírem-se, de dia para dia, num atropelo total da sua vontade ,e, direito de escolherem os seus destinos.

Ouvindo testemunhos, consultando obras publicadas e até através da minha própria experiência, apresentarei dados preciosos para que se compreenda a razão da nossa existência e do nosso sofrimento.

É do conhecimento geral, que ao longo destas décadas, a questão de Timor tem sido muito falada e discutida, mas raras são as vezes que se fala da Mulher e da Criança Timorense e ou que se chama a atenção seja de quem fôr para as suas condições de existência.

Esta é uma oportunidade que temos para homenagear a Mulher e a Criança Timorense assim como para denunciar a sua situação actual, qual vista sob um prisma ocidental será pelo menos chocante.

Aos presentes e a todos aqueles que vierem a ter conhecimento destas palavras devo afirmar que a Mulher é a grande responsável pelo espírito corajoso duma etnia que é a timorense, desempenhando um papel fundamental numa sociedade em que a família é o elemento essencial na definição da sua identidade como povo.

Com características muito próprias e bem diferentes das dos povos vizinhos , tal como alguém afirmou anteriormente, a luta da mulher timorense é uma lutadora diferente da de outras mulheres.

Pois a mulher timorense nunca teve oportunidade de reivindicar os seus direitos durante os 450 anos do colonialismo português, e quando se lhe entreabriu uma porta para a possibilidade de a sua terra natal se autodeterminar, mediante o reconhecimento de Portugal da independência de Timor, essa mulher viu-se novamente amordaçada desta vez, pela invasão de um povo com usos e costumes completamente diferentes dos do seu povo.

Sim, meus senhores, embora sejamos todos oriundos do mesmo arquipélago, nós, povo de Timor, temos a nossa identidade própria e sentimo-nos magoados quando nos confundem, alegando semelhanças no comportamento e sentir.

Devo salientar que sou uma das muitas mulheres timorenses privadas de viver no seu meio ambiente, embora por vontade própria, visto ter-me casado com um cidadão português, antes do 25 de Abril, e ter sido portanto, essa a minha escolha. Continuo a viver e a agir segundo os princípios aprendidos de uma grande mulher das montanhas de Timor, que se ligou a um deportado político português e a quem deu o tesouro de procriar uma "ninhada" de 14 filhos, tendo assim cumprido dignamente a sua nobre missão de mãe, contribuindo para a continuidade da prole timorense e educando-os de acordo com os bons costumes e hábitos luso-timorenses.

Volto a repetir que a mulher Timorense é, e será sempre que lhe fôr permitido, o braço forte da família, e a história pode dizer-nos que ela já deu provas das suas qualidades de uma forma que qualquer homem se pode sentir honrado por ter uma companheira da até recentemente paradisíaca ilha de Timor.

Desafio um conceito generalizado pois afirmo que contrariamente ao propalado, a Mulher Timorense não gosta de ser olhada unicamente como uma beldade oriental de pele morena, de costumes servis e de doçura inigualável e que a sua missão na Terra não será única e exclusivamente casar-se, procriar, educar os filhos e bordar as belas toalhas de desfiado ou simplesmente tecer os maravilhosos tais.

Numa sociedade em que o casamento é tão certo como a morte, muitas vezes vimos situações de bradar aos céus, sendo a mulher tratada como um simples objecto a quem são exigidos todos os deveres e cujos direitos são puramente esquecidos... Como todas as outras mulheres, Ela deseja sim, ser activa em todos os campos para que for solicitada, tais como na educação dos filhos, nos estudos e ainda na resistência armada liderando igualmente a causa timorense. A mulher timorense é corajosa ao ponto de não vergar perante qualquer força. Ela é realmente um elemento forte no sucesso do homem e da sociedade timorense.

A seguir permitam-me citar factos notórios demonstrativos da sua coragem, inteligência e dignidade:

1) Tomemos o exemplo das mulheres timorenses que se refugiaram na Austrália, mulheres de aparência frágil, corroídas pelo desespero de terem deixado para trás todos os seus bens materiais, maridos e filhos, para viver numa sociedade ultra competitiva, completamente diferente da sua, e com uma barreira inicialmente intransponível, que é a barreira da língua. Nunca habituada a trabalhar no duro das fábricas em que o ser humano é tratado muitas vezes de uma forma brutal ou como uma simples máquina, aí vimos mais uma vez que a mulher timorense deu provas da sua tenacidade, coragem e espírito de luta, ao competir com os homens cumprindo horários de trabalho que muitas vezes ultrapassam as 10 horas por dia, sem nunca se queixar, só para ajudar o seu companheiro de infortúnio a dar uma vida digna aos seus filhos.

2) As timorenses que tiveram que se refugiar em Portugal onde o clima se diferencia substancialmente do da sua ilha mãe e se viram forçadas a educar os seus filhos, no tenebroso Vale do Jamor, onde, as condições de vida não seriam as mais apropriadas para uma vida sã, não a abateram tendo ela ultrapassado todas essas vicissitudes. Hoje podemos ver as criancinhas que ali chegaram com 9 anos ou mais, completamente integradas na sociedade portuguesa e ocupando cargos de responsabilidade sem complexos de qualquer natureza, fruto do esforço das mães timorenses.

3) Relembremos com admiração e carinho todas aquelas que aqui chegaram à procura de uma segurança e liberdade que lhes fora negada em Timor e se libertaram dos factos horrorosos de tortura e perseguição constantes na sua amada ilha de Timor.

Em conclusão podemos afirmar que a mulher timorense saíu vitoriosa de todos estes contratempos, de cabeça erguida e verificamos que de dia para dia continua com mais força para lutar contra tudo e todos, pelo reconhecimento dos seus direitos .

Para tal, contribuiu de forma importante a educação formal da mulher timorense que começou unicamente em 1879.
Altura em que o Padre Medeiros fundou dois colégios, um masculino que confiou os missionários, e outro feminino com o nome de Colégio de Santa Júlia e S. José , de que as Canossianas tomaram posse já em 1880. Foi a segunda casa canossiana inaugurada em Manatuto, e a terceira em Soibada em 1902.

Lamento ter de recordar que antes do 25 de Abril, tínhamos uma única mulher licenciada em medicina e 3 ou 4 professoras primárias que com muito esforço dos seus familiares conseguiram atingir essa meta, e tenho que fazer a crítica à falta de oportunidade de acesso à educação proporcionada à mulher timorense pelo Governo Português, muitas vezes por razões que só muito poucas de nós sabemos.

Neste momento, a Indonésia proporciona o acesso à educação a parte das mulheres timorenses, mas em contrapartida elas vêem-se privadas de pôr em prática os conhecimentos adquiridos, pois uma completa falta de estruturas dificulta o emprego para os naturais de Timor.

Mesmo que alguns estudiosos da questão de Timor apenas digam que a mulher timorense nasceu essencialmente para se casar e procriar, mais uma vez reafirmo, que através dos anos esta situação se vem alterando na medida em que a mulher timorense começou por se autodeterminar após ter tido acesso à educação, passando a trabalhar na função pública e competindo sem reservas com outras raças e sexo.

Podemos ver à nossa volta quantas mulheres timorenses têm investido em si, regressando aos estudos após dezenas de anos de interrupção e vêm atingida a meta a que se propuseram, de uma forma airosa e honrosa.

Não seria elegante da minha parte, nem tão pouco me sentiria satisfeita, se hoje, não vos relatasse um facto comummente conhecido pelos timorenses, e que para mim subscrevo sem quaisquer reservas para que essa mulher seja reconhecida entre todos como uma verdadeira heroína.

Recordo com muita honra o nome de Isabel Barreto, uma grande mulher timorense que foi fuzilada na ponte cais de Díli por soldados indonésios que a acusavam do único crime que cometera, o de ser casada com um grande líder timorense, Nicolau Lobato. E a esposa foi assassinada porque o marido lutava nas montanhas pela autodeterminação de Timor.

Recordo outras tantas que foram obrigadas a ter de servir sexualmente e sofrer vexames a fim de que seus maridos, filhos ou irmãos não sofressem represálias.

A família é um valor inquestionável para a mulher timorense, pois ela não aceita facilmente a forma simples e duvidosa de planeamento familiar actualmente muito em voga em Timor, visto que só se sente absolutamente realizada se der ao seu companheiro uma casa cheia de criancinhas.

Peço, que a vossa atenção se vire para esta terrível situação de planeamento familiar ainda hoje vivida na terra paradisíaca, com o único fim de exterminar um povo como o de Timor, e que me ajudem a denunciar todas estas atrocidades.

Mas também grito bem alto, que acredito que todas essas contrariedades não vão nunca quebrar o espírito de luta à Mulher Timorense, e fa-la-á sentir ainda mais corajosa para lutar até atingir a meta por todos nós desejada: a autodeterminação de Timor.

Todos estes contratempos obrigam a que uma mãe timorense se veja forçada a conduzir a educação dos seus filhos de uma forma refinada, de molde a que qualquer timorense nascido na Austrália, na China, em Lisboa, ou até na Indonésia não deixe recalcar o verdadeiro espírito timorense. Podemos mesmo ver entre nós criancinhas que foram educadas essencialmente pela sua mãe e que serão sempre comparadas à imagem do pai, e nelas incutida a luta pelos direitos não só da sua mãe como os seus próprios.

A criança timorense é uma criança alegre, de hábitos sadios e de esmerada fineza no trato respeitável para com todas as pessoas mais velhas, com um sentido de adaptação inigualável, mas, se bem notarmos, continua sempre preservando a sua identidade muito própria. Vejamos o exemplo dos nossos filhos que já nasceram em terras alheias e que nunca contactaram de perto com Timor como dizem com orgulho a quem lhes pergunta pelas suas origens: "Eu sou Timorense".

Importa falar aqui no orfanato que existe em Timor gerido pela Diocese de Díli, tendo como responsável o Padre Locateli - Vários testemunhos afirmam que as criancinhas são tratadas com todo o carinho que lhes é possível ser dado num orfanato de padres católicos!
Aprendendo as cantiga populares portuguesas e rezando em Português. Porque não nos juntamos á causa desse padre, ajudando da melhor forma possível?

Que será dessas mesmas criancinhas e mesmo algumas outras, quando desaparecer essa alma caridosa? Acredito que também nelas existe o sentimento forte de timorense, pois como nos foi dado a ver no tenebroso massacre de Santa Cruz, os manifestantes de 12 de Novembro eram na sua maioria estudantes com uma idade média de 12 a 14 anos Quantas delas foram enterradas vivas? Quantas delas podem ser recordadas no nosso dia a dia?

Que dentro dos nossos corações possamos ter um lugar muito especial para as crianças timorenses, porque somos obrigados a concluir, meus senhores e minhas senhoras, que mesmo que se passe outra vintena de anos, a criança Timorense (nascida ou não em Timor), não abdicará nunca, e lutará sempre para que o raio de luz que se vê ao fundo do túnel seja cada vez maior, e para que um dia sejamos todos iluminados por um sol de tal forma brilhante, que teremos de procurar abrigo á sombra de uma acácia verde e vermelha de Timor.

Maria Natália Carrascalão Antunes